



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Se nos produtos o rótulo, para além de fornecer informações sobre a sua composição, utilização e validade, tem a função de tornar o próprio produto mais atraente e, conseqüentemente, apetecível e consumível, quando aplicado a pessoas e às pessoas, adquire, literalmente, o sentido oposto.

Se nos produtos os rótulos servem para aproximar a marca ao consumidor, quando impresso nas pessoas, afasta e repele como se de um produto impróprio para consumo se tratasse.

E se os rótulos, por si só, já não fossem o bastante para atrofiar vivências e fazer sentir-se despido da condição de verdadeiro humano, que tem direito a uma comum dignidade, a solidão, o abandono, o desprezo e todas as outras repulsas, são chaves que abrem portas de infernos descabidos onde as palavras, olhares e juízos reprovatórios e condenatórios são chamas que lume vivo. Pior que sentir-se rotulado é sentir-se e viver humilhado, desprezado e, sobretudo, marginalizado, colocado do lado de fora de um mundo e, não poucas vezes, de uma igreja que fala e prega fraternidade, acolhimento, sentido dos outros e demais chavões que sempre e em qualquer ocasião, ficam bem dizer-se.

É mau, desumano e indigno, e nada cristão, listar e catalogar gente que, apesar de tudo, não deixa de ser gente nem pessoa, muito menos filha de Deus, separar hipocritamente uns de outros com argumentos, de todo, longe do projecto e propósitos de Deus, onde não se vislumbra o Evangelho. E se a lepra fosse a exteriorização do pecado... que se cuidem os que se julgam santos, aqueles que gostam de ostentar uma “saúde” que, em abono da verdade, está enferma e deveras doentia.

Criam-se mitos e medos, estigmas e indiferenças, criam-se distâncias e levantam-se barreiras e o que vemos é, contra toda a lei, Jesus compadece-Se, estende a mão e toca. Uma compaixão, um estender de mão e um tocar que fazem toda a diferença revelando-se gestos terapêuticos e pedagógicos: terapêuticos porque devolvem a cura, não apenas a física mas também a do coração e da vida, a cura de um “eu” fragilizado que se reencontra com a dignidade, a cura que devolve, não apenas uma identidade perdida, mas uma comunidade que lhe pertence e a um Deus que lhe é devido, um Deus que lhe foi “roubado” por tantos que, infelizmente, ainda não deram conta de que o seu diagnóstico é também de “lepra”; pedagógicos porque ensinam qual deve ser a real atitude daqueles que se dizem “filhos de Deus” e até andam de cruz ao peito. Nestas lides, mais que as doutrinas, títulos, e outros “galões” que se possam ostentar e exibir, o que conta é mesmo o que fizemos dos irmãos e com os irmãos.

Não faltam sentenças e diagnósticos, juízos e condenações, morais e moralismos! Não faltam rezas, rituais, palavras e demais intenções e o que faz falta não é animar a malta, mas sim viver «com-paixão»: a compaixão como princípio gerador de curas, que integra e mantém no coração quem nunca de lá devia ter sido expulso; a compaixão pelas nossas e alheias “lepras”! A compaixão que sabe estender a mão, e que faz tocar. Tocar para simplesmente dizer: “eu quero: fica limpo”, tocar para que o outro sinta e saiba que eu sou tão “leproso” quanto ele.

Há “lepras” que só se cuidam com... paixão!

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

VI DOMINGO DO TEMPO COMUM

Ano B

1ª Leitura

Levítico 13,1-2,44-46

«O leproso deverá morrer à parte, fora do acampamento»

2ª Leitura

1 Coríntios 10,31-11,1

«Sede meus imitadores, como eu sou de Cristo»

Evangelho

São Marcos 1,40-45

«A lepra deixou-o e ele ficou limpo»



A Palavra deste 6º Domingo do Tempo Comum apresenta-nos um Deus cheio de amor, de bondade e de ternura, que convida todos os homens e todas as mulheres a integrar a comunidade dos filhos amados de Deus. Ele não exclui ninguém nem aceita que, em seu nome, se inventem sistemas de discriminação ou de marginalização dos irmãos.

A primeira leitura apresenta-nos a legislação que definia a forma de tratamento e de relação com os le-

prosos. Impressiona-nos como, a partir de uma imagem deturpada de Deus, os homens são capazes de inventar mecanismos de discriminação e de rejeição em nome do próprio Deus.

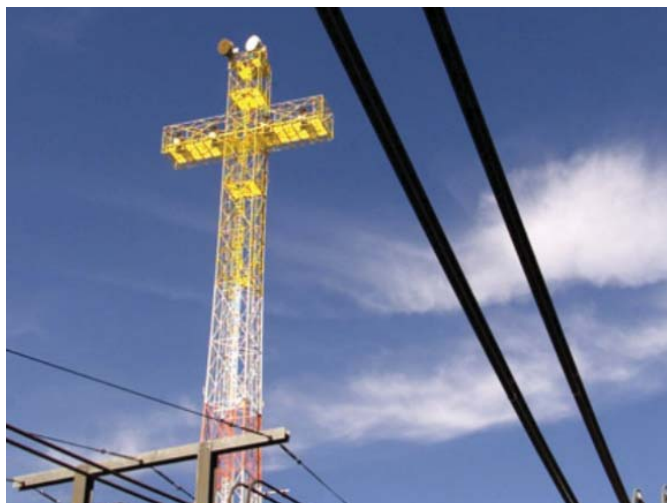
O Evangelho diz-nos que, em Jesus, Deus vem ao encontro dos seus filhos vítimas da rejeição e da exclusão, compadece-Se da sua miséria, estende-lhes a mão com amor, liberta-os dos seus sofrimentos e

convida-os a integrar a comunidade do “Reino”: Deus não pactua com a discriminação e denuncia como contrários aos seus projectos todos os mecanismos de opressão dos irmãos.

A atitude de Jesus em relação ao leproso, bem como a todos os excluídos da sociedade do seu tempo, é de proximidade, de solidariedade, de aceitação. Jesus não está preocupado com o que é política ou religiosamente correcto, ou com a indignidade da pessoa, ou com o perigo que ela representa para uma certa ordem social, apenas vê em cada pessoa um irmão que Deus ama e a quem é preciso estender a mão e amar, também.

O gesto de Jesus de estender a mão e tocar o leproso é um gesto provocador, que denuncia uma Lei iníqua, geradora de discriminação, de exclusão e de sofrimento. Com a autoridade de Deus, Ele retira qualquer valor a essa Lei e sugere que, do ponto de vista de Deus, essa Lei não tem qualquer significado.

SABIAS QUE...



... no passado dia 12 de Fevereiro, a Rádio Vaticano comemorou 90 anos?

Tendo a sua primeira emissão ocorrido a 12 de Fevereiro de 1931, a então designada “*Statio Radiophonica Vaticana*” teve no Papa Pio XI uma das suas primeiras vozes difundida por todo o mundo. Concretizada pelo inventor da rádio, Guglielmo Marconi, a Rádio Vaticano nasce da vontade do Papa Pio XI que, em 1929, lança o desafio a Marconi para a construção de uma estação de rádio que seria a voz da Igreja, do Papa e do Vaticano para todo o mundo.

Assim, e ao longo de 90 anos, a Rádio Vaticano foi

um importante veículo de evangelização, tendo sido a voz dos oito Papas que testemunharam o percurso deste meio de comunicação.

Cada um dos pontífices e, por conseguinte, os seus pontificados, tiveram dimensões distintas na relação com a Rádio Vaticano.

Dos 90 anos da sua existência, destacam-se alguns momentos marcantes, como foi o que ocorreu, em 1939, quando o Papa Pio XII, Papa que atravessou a II Grande Guerra Mundial à frente dos destinos da Igreja, se dirigiu a todos os povos e seus governantes, por meio da rádio, uma semana antes das invasões nazis da Polónia, alertando para os perigos da guerra iminente: “Nada se perde com a paz. Tudo pode ser perdido com a guerra”, palavras estas que teriam o seu carácter profético comprovado, infelizmente, por todo o mundo.

Actualmente, a Rádio Vaticano transmite e fala em 41 idiomas para todo o mundo através das mais diversas plataformas analógicas e digitais, trabalhando em parceria com os diferentes meios e redes de comunicação da Igreja, sendo que prepara, ainda, neste seu 90º aniversário, o projecto de criação de uma rádio web.

Nesta semana em que, também, se assinalou o Dia Mundial da Rádio, saibamos nós, cristãos católicos, continuar a inovar e a fazer uso de todas as ferramentas disponíveis, como seja a rádio, na missão de evangelização que cada um de nós tem.

Fonte: www.vaticannews.va

POR CÁ

“Palavras que abrem caminho” é nova proposta da Diocese



O Sítio online Igreja Açores iniciou na passada quinta-feira, dia 11 de Fevereiro, uma nova rubrica semanal intitulada “Palavras que abrem caminho”, que visa trazer ao conhecimento histórias de vida e de acção, opiniões e pontos de vista acerca da Igreja e do mundo.

A conversa, em jeito de entrevista, procura alargar o reconhecimento público de histórias de pessoas, mais ou menos participativas na vida da Igreja, mas que têm sempre o evangelho por perto, procurando cumprir esse desejo de fazer o bem, ao jeito de Jesus.

A primeira conversa desta nova rubrica foi com o Padre Paulo Borges, capelão do Hospital do Divino Espírito Santo, de Ponta Delgada, e Director da Comissão Diocesana da Pastoral da Saúde que, durante meia hora, falou da pandemia, do

esforço dos profissionais de saúde, dos recursos humanos e técnicos no combate a esta doença e a todas as questões de saúde e da Eutanásia.

“Eu acho que as pessoas estão demasiado mortas para viver e demasiado vivas para morrer”, isto é, “as pessoas querem fazer a sua vida normal dentro desta nova normalidade, com o respeito pelas orientações da saúde”, mas “a esmagadora maioria das pessoas vive com uma profunda tristeza”, referiu.

“O que adoeceu não foi o medo da morte, mas a dor de não poder viver: pessoas confinadas em casas pequenas sem quintais, as famílias que vivem um dia, dois dias, um mês sempre com as mesmas pessoas que se atropelam até para chegar à cozinha... é muito complicado”, sublinhou ao destacar que esta pandemia além de virar uma página na história pode vir a desenhar um novo paradigma do ser humano. “Estamos a virar uma página na história; há de tudo um pouco... Na minha maneira de ver está a desenhar-se um novo paradigma do ser humano que está a ser ‘feito’ na crista da onde de uma nova página” onde “o conceito de ser humano não será o mesmo” e a “a questão de Deus colocar-se-á de uma maneira diferente”.

Esta conversa, como as próximas, pode ser ouvida na íntegra no Sítio Igreja Açores em www.igrejaacores.pt.

POR LÁ

Para que todos ouçam a nossa voz

Após a divulgação do Hino da Jornada Mundial da Juventude, os jovens são desafiados a darem voz ao Hino, e assim, juntos, criarem uma onda de esperança e alegria.

Recorde-se que uma das frases do refrão do Hino JMJ diz precisamente que “todos vão ouvir a nossa voz”, daí o convite e o desafio que é lançado a todos os jovens no sentido que gravarem um vídeo com a sua versão do Hino oficial da JMJ e a publicarem nos stories ou nos seus perfis com as hashtags #WYDsong2023 e #Lisboa2023.

Sem dúvida que, a par do Logotipo, o Hino é a “imagem” sonora da Jornada Mundial. Uma síntese, dir-se-á, da mensagem que a própria Jornada quer fazer passar aos jovens.



Com a publicação do Hino JMJ-Lisboa 2023, a caminhada rumo à JMJ começa a ganhar outro dinamismo e o entusiasmo começa a ser crescente.



ENTRE NÓS...

“Como posso ser luz na vida do outro que sofre?”



Pediram-me para falar sobre o ser enfermeira e cristã.

Se em toda a minha vida, a religião católica foi parte integrante do meu desenvolvimento como pessoa, moldando os meus valores, as minhas atitudes e os meus comportamentos, a Enfermagem entra na minha vida como um acaso. Inclusive, quis desistir no primeiro estágio! Achei mesmo que não era o meu lugar nem o que queria fazer para o resto da minha vida. No entanto houve “algo” que me fez continuar, e aqui estou eu, 18 anos depois!

Desde o primeiro dia que entrei na Escola de Enfermagem, a frase que me marcou e ecoa até hoje é esta: “O enfermeiro não trata de ninguém. Cuida de alguém!”

Este “cuidar” vai para além da mera execução de técnicas. Tem uma dimensão humana que é transversal a tudo aquilo que fazemos e que nos distingue das demais profissões de saúde. Estamos sempre lá. Presentes para quem mais precisa de nós e hoje, não me via a fazer outra coisa, que não fosse ser enfermeira.

Tal como a minha caminhada cristã me foi moldando através de vários acontecimentos e de pessoas que cruzaram a minha vida, a forma como “cuido” do outro também evoluiu ao longo dos anos. Se quando comecei, a minha preocupação era a execução correta de técnicas e o medo de falhar, com o passar dos primeiros tempos começamos a encaixar a dimensão do “cuidar” na sua totalidade holística. Olhar para o outro como ser único, com a sua individualidade, particularidades e crenças e adaptar a minha forma de

ajudar/cuidar sem que isso se perca.

Fazer um retiro Shalom aos 23 anos foi, sem dúvida, um acontecimento que foi um ponto de viragem na forma como eu vejo e sinto a presença do Amor e da Alegria de Deus na minha vida. Mas viver esse Amor com aqueles que amamos e que nos são queridos é fácil! Viver esta Alegria na saúde é fácil!

Aí reside o desafio. O meu pelo menos...

Diariamente, lido com situações de doença que deixam quer a pessoa quer a família física e mentalmente debilitadas e vulneráveis. Algumas vezes revoltadas com tudo e com todos, inclusive com Deus.

Como é que eu sendo enfermeira e cristã, que cuida desta pessoa/família, durante o tempo que estou presente, posso levar um pedacinho do Amor e da Alegria de Deus num momento em que muitas vezes é a tristeza, a dor e a incerteza que imperam?

Como posso ser “luz” na vida do outro que sofre? Aqui não há receitas, nem prescrições...

Se há situações em que ajuda ser extrovertida e brincalhona, outras exigem da minha parte apenas silêncio, presença e escuta.

Não há regras para se ser veículo do Amor de Deus... Precisamos apenas de estar atentos. De escutar e sentir aquilo que o outro precisa e nos pede, mesmo que não articule uma única palavra. De fazê-lo dentro das nossas possibilidades, o melhor que podemos e sabemos. Aí reside a diferença.

Se esta é uma tarefa fácil? Não é. Se consigo ter êxito sempre? Não consigo.

A automatização das tarefas, as limitações de tempo e o acumular de solicitações, não se compadecem com o tempo de qualidade que muitas vezes precisamos de ter para o doente e para a sua família. Mas existe sempre espaço para melhorar e crescer. Refletir se a postura, conduta e atitude que tivemos foi a mais adequada e no que poderia ter feito de outra maneira. Há sempre forma de sermos mensageiros do Amor e da Alegria de Deus!

Eu tenho a bênção de integrar uma equipa voltada para o “Cuidar” e mesmo com convicções religiosas diferentes, todas tentamos marcar pela positiva e ser pedacinhos de “Luz” naqueles de quem cuidamos e que passam por nós.